

ATLETISMO E O CURRÍCULO CULTURAL: CONHECIMENTOS BASEADOS NA MULTIPLICIDADE

MS. PEDRO XAVIER RUSSO BONETTO

Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo – USP

Doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo – USP

Professor da Rede Municipal de Ensino de São Paulo e da Faculdade Flamingo – SP

Membro do Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar da FE – USP

Resumo | O artigo apresenta uma experiência curricular desenvolvida em uma escola pública municipal de São Paulo, com duas turmas do 6º ano do Ensino Fundamental. A fundamentação seguiu os pressupostos epistemológicos e metodológicos do currículo cultural de Educação Física, em sua concepção pós-crítica. O tema das aulas foi o atletismo, a partir de suas diferentes provas, gestualidades, níveis de competição e participação das pessoas com deficiências. A experiência buscou aproximar-se da concepção de conhecimento carreada pela noção de multiplicidade da filosofia da diferença.

Palavras-chave | Educação Física escolar; Atletismo; Conhecimento

ATHLETICS AND THE CULTURAL CURRICULUM: KNOWLEDGE BASED ON MULTIPLICITY

Abstract | The article presents a curricular experience developed in a municipal public school in São Paulo, with two classes of the 6th grade of elementary school. The foundation followed the epistemological and methodological assumptions of the cultural curriculum of Physical Education, in its post-critical conception. The theme of the classes was athletics, from their different events, gestures, levels of competition and participation of people with disabilities. The experiment sought to approach the conception of knowledge carried by the notion of multiplicity of the philosophy of difference.

Keywords | Physical Education; Athletics; Knowledge

ATLETISMO Y CURRÍCULUM CULTURAL: CONOCIMIENTOS BASADOS EN LA MULTIPLICIDAD

Resumen | El artículo presenta una experiencia curricular desarrollada en una escuela pública municipal de São Paulo, con dos clases del 6º año de la Enseñanza Fundamental. La fundamentación siguió los presupuestos epistemológicos y metodológicos del currículo cultural de Educación Física, en su concepción postcrítica. El tema de las clases fue el atletismo, a partir de sus diferentes pruebas, gestualidades, niveles de competición y participación de las personas con discapacidades. La experiencia buscó aproximarse a la concepción de conocimiento llevada por la noción de multiplicidad de la filosofía de la diferencia.

Palabras clave | Educación Física Escolar; Atletismo; Conocimiento

INTRODUÇÃO

Apresenta-se como referencial epistemológico e metodológico, a teoria curricular cultural da Educação Física, em sua perspectiva pós-crítica, tal como descrita por Neira (2019) e por Neira e Nunes (2006; 2009). Nessa compreensão, a produção discursiva verbal e não verbal a respeito das brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas se aglutina sob a denominação cultura corporal, o que abarca tanto as práticas com o corpo quanto os discursos, identidades e representações, criadas e recriadas pelos diversos grupos culturais. Nessa concepção, o objetivo da Educação Física passa então à tematização, aprofundamento e ampliação, problematização e desconstrução dos discursos que circulam e constituem as práticas corporais, considerando-as a partir de suas gestualidades e significados.

Assim, o currículo de Educação Física, pautado pelas teorias pós-críticas,¹ considera e problematiza questões de etnia, classe social, gênero,

1. É importante a ressalva de Silva (2011) ao indicar que a teorização pós-crítica não é a superação das teorias críticas, ao contrário, as perspectivas se combinam para nos ajudar a compreender as relações de poder e controle que compõem os artefatos culturais. Em outras palavras, as teorias curriculares pós-críticas abordam com ênfase as preocupações com a diferença, com a relação saber-poder, o multiculturalismo, as

sexualidade, local de moradia, habilidade, deficiência e outras infinitas formas como o poder se manifesta na constituição de identidades e representações relacionadas às práticas corporais. No âmbito da Educação Física cultural, busca-se, por meio de atividades de problematização, questionar certos discursos excludentes e preconceituosos, desestruturando metanarrativas que impedem a diferença e as múltiplas subjetividades.

[...] o currículo cultural da Educação Física potencializa a pedagogia da diferença. Quando se defrontam com várias representações acerca das práticas corporais e das pessoas que delas participam, os estudantes percebem as múltiplas formas de dizê-las e afirmá-las. Mediante a problematização, se dão conta de que suas verdades são produzidas culturalmente, tal qual o modo como cada um aprendeu a falar de si e do Outro (NEIRA, 2019, p. 31).

Importante destacar que, embora seja uma filiação pessoal, política e ética do professor em relação ao currículo pós-crítico, no âmbito da rede de ensino do município de São Paulo, desde 2007, percebem-se influências dessa perspectiva nas propostas curriculares oficiais, que mantêm a Educação Física como componente da área de Linguagens. O documento vigente é o *Currículo da Cidade: Ensino Fundamental: Educação Física* (SÃO PAULO, 2017), que, apesar das incongruências teóricas, compartilha aspectos em comum com a perspectiva cultural.

O acesso às manifestações da cultura corporal pressupõe que, por meio de vivências, estudos, pesquisas e debates, os estudantes acessem as diversas produções culturais e seus usos sociais vinculados aos jogos e brincadeiras, aos esportes, às danças, às ginásticas, às lutas e a demais práticas corporais do patrimônio material e imaterial da humanidade, bem como àquelas presentes e trazidas pelo próprio grupo e por outros grupos sociais e também por outros povos, sejam no tempo espaço ancestral e/ou contemporâneo. Um dos objetivos é entrar em contato e alargar o conhecimento e a cultura dos estudantes sobre si e sobre os outros (SÃO PAULO, 2017, p. 124).

Na experiência aqui relatada, a proposta curricular oficial não foi simplesmente desconsiderada. Ao contrário, apesar das ressalvas, aproximou-se das intenções docentes ao potencializar uma educação

diferentes culturas. Por isso, o currículo escolar é compreendido como uma questão de subjetividade, construída na tênue relação entre identidade e diferença.

democrática, contextualizada, relacionada com a cultura corporal da comunidade escolar, bem como, propõe atividades de análise das relações de poder que envolvem a temática.

Outrossim, ao tematizar o atletismo e considerar as diferentes formas de significar esse esporte na sociedade, pretendeu-se narrar as situações didáticas realizadas, buscando associar o que foi produzido nas aulas ao conceito de multiplicidade desenvolvido na filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Em *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, os filósofos propõem o conceito de rizoma,² o qual está diretamente relacionado à multiplicidade e o oposto do modelo de pensamento moderno e ocidental, por eles denominado arbóreo.

[...] não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre $n-1$ (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a $n-1$. Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 150).

Ainda nessa obra, o conceito de multiplicidade é indicado como um princípio do rizoma:

É somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. Inexistência de unidade ainda que fosse para abortar no objeto e para “voltar” no sujeito. Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza. As leis de combinação crescem então com a multiplicidade (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15).

2. O conceito de rizoma se opõe à estrutura de uma árvore (arborescente) que se desenvolve no sentido ascendente; já o crescimento do rizoma segue para diversos sentidos, inclusive, lateralmente, como uma bananeira, um gengibre ou o capim.

A TEMATIZAÇÃO DO ATLETISMO

A experiência curricular aconteceu durante o segundo semestre do ano de 2019, com duas turmas de 6º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública municipal de São Paulo.³ Assinala-se que, além da proposta curricular do município, o professor considerou as indicações do Projeto Político Pedagógico da unidade escolar que, à época, versava especificamente sobre *Educação Integral e as Metas do Milênio da ONU 2019*.

As atividades tiveram início com o mapeamento do universo cultural corporal da comunidade. Na ocasião, aconteciam os *Jogos Pan-Americanos* de Lima, no Peru, e muitos alunos e alunas estavam comentando sobre esportes pouco presentes no cotidiano. Foi assim que o docente selecionou o atletismo como tema da experiência curricular. Nas primeiras atividades, o professor solicitou que os estudantes demonstrassem quais provas conheciam. Pediu que falassem as regras e sobre o que tinham visto do atletismo no Pan-Americano. Muitos não sabiam o nome do esporte, chamavam-no de “corrida”. Na quadra, começaram a fazer competições de um lado para o outro, às vezes, ida e volta no pátio externo. Percebemos que alguns, depois que corriam, diziam ser o *Usain Bolt*.

Nas aulas seguintes, o professor apresentou as provas de pista curtas, 100 e 200 metros rasos. Para que tivessem uma ideia da distância, usaram uma trena, mediram e observaram que o pátio tinha apenas 50 metros. A atividade era fazer os 100 metros indo e voltando uma vez e, depois, duplicar a quantidade para completar 200 metros. Na aula seguinte, perguntou se conheciam outros/as atletas além do *Usain Bolt* e

3. A experiência aqui descrita aconteceu durante as aulas de Educação Física que ocorriam três vezes por semana, sendo uma aula de 45 minutos em um dia e uma “dobradinha” de 90 minutos em outro dia da semana. Em média, as turmas A e B possuíam 30 alunos e alunas, totalizando 60 estudantes. A escola dispõe de uma quadra coberta em boas condições, mas não há nenhum implemento oficial de atletismo, nem colchões adequados, pista ou tanque de areia para as provas de salto. Todas as provas vivenciadas na escola foram adaptadas com o uso de materiais convencionais, como cabos de vassoura, colchonetes, cones, barbante, bolas de medicineball e giz de lousa.

obteve uma resposta negativa. Pensando em aprofundar os conhecimentos dos estudantes, o professor exibiu vídeos de provas de 100 metros, 200 metros e revezamento 4x100 metros. Fez questão de incluir provas com o *Usain Bolt*, provas femininas, provas amadoras e provas nas quais a equipe brasileira alcançou bons resultados. O intuito era apresentar o esporte em suas diferentes formas e níveis de competição. Na ocasião, o professor registrou a fala de um aluno: “Vixi, não quero fazer atletismo, eu sou gordo e não corro rápido”.

Depois, o professor propôs fazerem atletismo na praça próxima à escola, pois lá seria possível correr 100 metros sem precisar fazer ida e volta. Em roda de conversa, um aluno comentou que tinha visto na televisão um atleta brasileiro, “bem gordão e fortão”, havia ganhado medalha de ouro no Pan-Americano. O professor explicou que se tratava de Darlan Romani, arremessador de peso. Buscando retomar a fala do estudante que disse que não faria atletismo porque era gordo, o professor informou que outras provas de atletismo exigem corpos grandes, fortes, altos, muito diferentes das provas de velocidade. Comentou também que o atleta profissional do arremesso de peso precisa ser muito forte e não necessariamente ter pouca gordura corporal, já os/as atletas de salto precisam ser rápidos e magros. Ressaltou que, na escola, o intuito era experimentar a prática, aprender sobre os gestos, conhecer mais o atletismo como um artefato cultural, saber desenhar, escrever, explicar, ou seja, deixar-se, de alguma maneira, se envolver pela prática.

Nesse dia, pesquisando na internet do celular, os/as estudantes viram que durante a prova de arremesso de peso, o atleta permanece em uma área circular de aproximadamente dois metros de diâmetro. Desenharam-na no chão com giz e fizeram os arremessos usando bolas *medicineball*. Muitas pessoas se envolveram com a atividade, seja arremessando, medindo a distância que a bola alcançava ou, ainda, corrigindo e incentivando os/as colegas.

Novamente na sala de aula, assistiram a vídeos que o professor exibiu com um computador e um projetor. Viram as provas de arremesso de peso, lançamento de dardo, disco e martelo. Os/as estudantes

reagiram dizendo “não é tudo corrida mesmo”, “nem sabia que isso aqui era atletismo”, “o gordão é muito forte”, “olha o tamanho do braço dele, você é louco!”, “essa mulher joga mais longe que você professor”.

Devido à realização do evento “Semana da Diferença e Inclusão na SME”, o professor pensou em abordar as provas de atletismo adaptadas para pessoas com deficiência. Selecionou e apresentou vídeos de atletismo adaptado, entre eles, 100 metros, 200 metros e corridas de longa distância com guias. Assistiram também às provas de arremesso de peso e lançamento de dardo para usuários de cadeiras de rodas (alguns amputados). Os/as estudantes gostaram muito, torceram para o/a atleta mesmo sabendo que se tratava de uma gravação e comentaram acerca das adaptações.

Na quadra, começaram as atividades imitando os gestos e regras que viram nos vídeos. Com o professor, os/as estudantes usaram tecidos como vendas nos olhos e experimentaram a corrida de curta distância com uma pessoa vendada e outra como guia. As atividades levaram os estudantes a pensar a respeito de questões mais relevantes, ligadas às dificuldades decorrentes da deficiência: “Como eles conseguem correr sem enxergar nada? É impossível!”, “Nossa, ser cego deve ser f...”, “Eu não queria ser cego nem a pau, é muito difícil”, “Eu conheço um homem cego na minha rua, que faz tudo sozinho”, “Nem sabia que cego podia andar sem bengala”.

Também simularam o arremesso de peso e o lançamento de dardo para pessoas amputadas ou usuários de cadeira de rodas. Depois de muito vivenciá-las, nas semanas seguintes estudaram algumas provas que ainda não haviam experimentado. Corrida com barreiras, lançamento de dardo (sem adaptações), salto triplo e até salto em altura. Enquanto isso, uma das alunas fotografava, a pedido do professor. Com tantas imagens legais, ele sugeriu que a turma pensasse algum tipo de registro das aulas utilizando as fotos. A ideia inicial era criar vídeos, depois um aluno propôs que fizessem uma revistinha.

Essa ideia foi bem aceita e, organizados em trios ou duplas, os/as alunos/as prepararam coletivamente a revista escrevendo sobre as

diferentes provas do atletismo. Também pesquisaram as origens, as regras, as curiosidades, os materiais, os recordes e os/as atletas de destaque. Continuando com a revista, o professor perguntou se eles observaram as provas desenhadas e pesquisadas. Muito rapidamente disseram que não constavam provas adaptadas para pessoas com deficiências. Analisando os desenhos, também perceberam apenas pessoas sem deficiências. Foi então que ampliaram essa discussão com vídeos e fotos de atletas com diferentes deficiências, além de categorias e “classes” do esporte paralímpico. Ocorreram muitas discussões acerca de tais diferenças, tentando focar a potencialidade desses corpos, compreendendo as limitações e dificuldades, mas valorizando e reconhecendo todas as experiências com o esporte. Essa atividade reverberou nos registros das revistinhas.



Imagem 1 – Revistinha de atletismo

Fonte: Imagem do autor

Nas aulas seguintes, assistiram novamente as provas de atletismo adaptado ainda desconhecidas. Falaram sobre salto em altura para amputados, cadeira de corrida, lançamento de dardo para pessoas com nanismo, corrida de 100 metros e 200 metros para deficientes físicos (T43-uma amputação e T44-duas amputações), e lançamento de disco para deficientes físicos.

O professor organizou uma visita pedagógica à pista de atletismo do Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo. Lá foi

possível pisar, correr, brincar na pista semiprofissional. Observaram o formato, a metragem, as raias, o piso emborrachado, os blocos de saída e realizaram várias disputas baseadas nas provas oficiais. Conheceram e manipularam os implementos (dardo, peso, martelo, bastão), bem como a gaiola de lançamentos, o poço de areia dos saltos e o espaço para arremessos de peso. Uma estudante de Educação Física que fizera estágio na escola e tinha algum conhecimento sobre o atletismo também colaborou nas atividades. Ela demonstrava os gestos utilizados nas competições e auxiliava aqueles/as com dificuldade. Os/as alunos/as gostaram muito das atividades na pista, disseram que é muito maior do que imaginavam e que o dardo é gigante, “parece uma lança”.

No retorno à escola avaliaram a visita e conversaram a respeito das regras, formas de competir, técnicas, estratégias, descrevendo as experiências pedagógicas. O professor percebeu uma amplitude e aprofundamento no conhecimento sobre o atletismo. Entre os comentários, registrou: “antes eu não sabia o que era atletismo, achava que era só correr”; “aprendi que tem várias provas, não só corrida”; “aprendi que é um esporte antigo, com várias formas de competir que se chamam provas”; “aprendi que para cada prova é melhor um tipo de corpo, não é sempre magro”.

No fim do ano, surgiu a possibilidade de fazer outra saída utilizando o transporte oferecido pela Secretaria Municipal de Educação. Dessa vez, o contato com o professor e técnico de atletismo adaptado, Benílson Pereira, viabilizou o acesso a um clube que possui equipe de atletismo. Lá conheceram atletas paralímpicos de diferentes provas e categorias e puderam conversar com eles/as. Na oportunidade, o técnico Benílson Pereira ensinou os gestos (técnicas), algumas regras e normas de segurança. A socialização entre os/as alunos/as e os/as atletas, o grande interesse e as vivências das provas foram os destaques da atividade.

Na última semana do ano letivo, apesar da ausência de muitos estudantes, professor e alunos/as avaliaram a experiência curricular com o atletismo. Relataram que aprenderam muitas provas, citaram várias delas, regras, estratégias, formas de competir e categorias. Descreveram

a experiência positiva que viveram em vários momentos, especialmente nas visitas às pistas e contato com treinador e atletas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A PERSPECTIVA DA MULTIPLICIDADE

A partir das contribuições de Friedrich Nietzsche, Michel Foucault, Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Félix Guattari no campo da educação, o que Silva (2011) chama de crítica pós-estruturalista ao currículo, as noções de conhecimento veiculado pela escola a partir das diferentes propostas pedagógicas passam a ser elementos primordiais na análise dos processos de subjetivação (produção de identidade no caso da referida obra). Assim, o conhecimento veiculado por qualquer proposta curricular está intrinsecamente associado às relações de poder-saber, resultado de inúmeros processos de significação. Com efeito, a escola funciona como dispositivo de promoção de discursos tomados como verdadeiros e, ao mesmo tempo que distribui, valoriza e reparte um tipo de saber, exclui outros tantos. Nesse processo, a possibilidade de criar, recriar e produzir novos pensamentos também é negligenciada. Em outras palavras, o/a aluno/a tem obrigação de aprender (reproduzir) exatamente aquilo que o/a professor/a desejou ensinar.

Conforme se observa na experiência curricular relatada, na perspectiva da multiplicidade, todos os conhecimentos sobre um tema são relevantes e passíveis de compor a tematização da Educação Física, seja o atletismo feminino, amador, na rua, com crianças, treinamento, adaptado, olímpico, campeonatos regionais, provas não oficiais. Logo, tais significações não são consideradas meras variações de um significado referencial: o atletismo oficial, masculino e profissional.

Os múltiplos não são desvios mencionados brevemente, sem grande destaque. Todos os conhecimentos e vivências do atletismo são colocados na mesma condição de valoração. Portanto, não é pior uma prova de arremesso do que uma prova de velocidade, não é pior um atleta grande do que um magro, nem é pior o atletismo feminino que o masculino. Não é

pior o atletismo amador que o atletismo olímpico e não é pior uma prova adaptada, ou um corpo amputado, que um não amputado. A tentativa é romper com um significado referencial mais valorizado do que outros. Destarte não tenha sido possível mensurar, o número de aulas, o tempo despendido ou a densidade dos conhecimentos não foram maiores no atletismo masculino oficial do que nas múltiplas formas/contextos de vivenciar esse esporte, ou seja, nenhuma significação sobre o esporte foi colocada no centro. Aqui, são todas continuidades, que ora se aproximam, ora se afastam.

Em suma, a perspectiva da multiplicidade pode ajudar a pensar as experiências pedagógicas, tornando-as mais democráticas e mais sensíveis às diferenças, pois, na multiplicidade, respostas totalizantes não definem a experiência humana nem as práticas corporais e, assim, o mundo deixa de ser apenas compreendido (reproduzido) pelas disciplinas escolares, podendo, também, ser recriado.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física cultural: inspiração e prática pedagógica**. Jundiaí: Paco Editorial, 2019. Disponível em: http://www.gpef.fe.usp.br/teses/marcos_41.pdf. Acesso em: 18 jan. 2021.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas**. São Paulo: Phorte, 2006.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade: Ensino Fundamental: Educação Física**. São Paulo: SME/COPED, 2017. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/50635.pdf> Acesso em: 18 jan. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

Recebido: 19 janeiro 2021

Aprovado: 21 março 2021

Endereço eletrônico:

Pedro Xavier Russo Bonetto

edfisica.pedro@gmail.com